

O HORROR DA DIFERENÇA: O DESEJO PETRIFICADOR DA MEDUSA

Wanessa de Góis Moreira (UFPB) ¹
Hermano de França Rodrigues (UFPB) ²

Resumo: No presente trabalho, propomos analisar como a Literatura erótica de autoria feminina corrobora na (des)construção de preceitos patriarcais que tendem colocar a mulher no plano secundário do corpo social. Para isso, trazemos a autora Raquel Consorte (2016), no intento de observamos como o recurso estético literário, focando, através da tessitura erótica, produz um processo de subjetivação feminina. Dessa forma, como arcabouço teórico, utilizaremos textos filosóficos, sócio-histórico e pós-freudianos. Como resultado, percebemos que a Literatura erótica de autoria feminina pode tornar-se um espaço onde o real e a utopia revelam às agruras humanas, numa dimensão social e intimista.

Palavras-chave: Literatura; Feminino; Sexualidade; Erotismo.

Intertítulo

A Literatura, por tempos longínquos, versava sobre a predominância do patriarcado, como detentor do conhecimento e da liberdade de expressão. No entanto, com a *Revolução industrial*³, as mulheres passam a se inscreverem no campo literário, de maneira atuante, sobretudo, na Literatura de cunho erótico, a fim de romper com os discursos dominantes, que negavam uma sexualidade autônoma ao corpo feminino.

Essas cifras da transgressão se evidenciam no conto *Madrugada*, da escritora brasileira, Raquel Consorte (2016). A autora ingressa, na seara erótica contemporânea, focando o corpo da personagem enquanto sujeito desejante e autônomo de sua sexualidade. A protagonista vivencia as experiências orgásticas com o seu amante, desprendida de protocolos. Ela utiliza-se de uma linguagem lasciva e voluptuosa, para detalhar o seu encontro sexual, de maneira a libertar suas vontades mais iminentes.

Diante disso, nesse trabalho, procuramos elucidar questões acerca da transgressão feminina, no campo da Literatura. Para tal, detemo-nos, no primeiro

¹ Graduada em Letras (UFPB). Mestranda em Literatura e Psicanálise (UFPB). wanessa1806@gmail.com.

² Doutor em Letras (UFPB). Professor da pós-graduação em Literatura e Psicanálise (UFPB). hermanorg@gmail.com.

³ A Revolução Industrial, século XVIII, afetou, consideravelmente, os países ocidentais provocando mudanças nos comportamentos, em especial, a sexualidade feminina. Pode-se dizer que houve uma revolução sexual, na qual a presença das mulheres foi mais intensa nos ambientes público e privado. (STEARNS, 2010).

momento, às contribuições sócio-históricas, a fim de observar como as mulheres eram vistas ao longo da sociedade, sobretudo, na sociedade patriarcal, na qual polarizavam homens e mulheres, destinando o homem ao papel de determinante social e a mulher aos afazeres domésticos, privadas a ocupar lugares e a vivenciar sua sexualidade - enquanto desejo.

No segundo momento, nos valem da crítica literária, que discorre sobre o campo da literatura enquanto processo de ocupação feminina. Por muito tempo, a Literatura foi um espaço destinado somente ao homem, quando às mulheres escreviam, versavam sobre as temáticas domésticas, e, tinham que esconder a identidade da autoria feminina, para não terem sua escrita estigmatizada pela crítica dominante. Por isso, o surgimento da Literatura de autoria feminina, sobretudo na seara erótica, funde-se como um espaço político de contestação, no qual (re)constrói figuras do feminino como libertos das condições sociais subalternizadas.

Por fim, no terceiro momento, observamos no conto, o protagonismo da personagem diante da sua sexualidade, ela explicita a vontade de foder com o seu amante, de maneira lasciva e liberta, desprendida das convenções sociais de mulher submissa, isto é, a personagem representa a transgressão do feminino que busca sua autenticidade sexual.

Intertítulo

Os países ocidentais foram afetados, consideravelmente, pela Revolução Industrial, provocando mudanças nos comportamentos, em especial, na sexualidade feminina. Pode-se dizer que houve uma *revolução sexual*, na qual a presença das mulheres foi mais intensa nos ambientes público e privado. A partir dessas transformações, foram obrigadas a entrar no mercado de trabalho como forma de subsistência. De modo que passaram a ter condições de se manterem sozinhas, de maneira independente. Colocou-se em cheque a concepção da maternidade. Pois, tinham que trabalhar e não podiam cuidar das crianças.

Diante disso, as mulheres ocidentais rompem com os paradigmas patriarcais impostos, segundo os quais o sexo está ligado à procriação e ao matrimônio, passando a relacionar o sexo ao prazer. Segundo Peter Stearns: “Não se tratava de uma expressão revolucionária de sexualidade, e a oposição ao sexo antes ou fora do casamento

continuou firme, como parte da manutenção do sistema de família de estilo europeu” (2010, p.138).

Nesse cenário, o sexo, que antes estava recluso ao leito matrimonial, passa a dispor de outras formas: sendo praticado antes do casamento, rompendo com a normatividade da opressão perpetuada pelos cristãos, sobre o matrimônio e a mulher - ambos deveriam ser guardados e preservados, caso contrário, eram considerados pecaminosos. Stearns (2010) relata: “Antes do final do século XVIII, a porcentagem de crianças nascidas fora do casamento – ou seja, de nascimento ilegítimo – na sociedade ocidental tinha atingido 2% e 3%.” (p.142). Essa transformação, na cultura sexual feminina, modifica os conceitos cristalizados de que a mulher, para ter filhos, deveria estar casada.

No período vitoriano (séc. XVIII), mesmo em meio à *revolução sexual*, a sexualidade foi interdita pela Igreja e pelo Estado, sobretudo das mulheres. Ambas as instituições tentam frear *os apetites sexuais* das mulheres, visando aumentar a economia, a conduta popular e os valores cristãos que, na época, abarcaram fortemente os anseios do povo. O Estado vitoriano reprimiu a sexualidade ‘desregrada’ das mulheres, a fim de garantir controle da natalidade exacerbada, e a consequente diminuição da pobreza, o que traria mais renda para o governo. Já a opressão dos cristãos, deve-se ao fato de uma crença de castidade está ligada à conduta de santidade, como sinal de salvação, visando possuir o poder perante a sociedade, com o discurso de que Deus castigaria aqueles que não seguissem os mandamentos de preservação sexual. Com essa fala, lotava os templos, com vistos a aquisição de valores. Tanto o estado quanto os cristãos acreditam que “romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam, de qualquer modo, condenação.” (FOUCAULT, 2015, p. 42)

O sexo era considerado ato pecaminoso, principalmente, para as mulheres do século XVIII. Por questões sociais de gênero, eram obrigadas a submeter-se aos homens, pelo poder econômico e político, deter-se exclusivamente ao patriarcado, condicionando-a ficar em casa, cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Roudinesco (2003) relata que, no século XVIII, “a mulher deve acima de tudo ser mãe, a fim de que o corpo social esteja em condições de resistir à tirania de um gozo feminino capaz, pensa-se, de eliminar a diferença dos sexos. (p.21)”. A representatividade feminina estava embasada nesses conceitos sociais da época, em que

a mulher teria que está aprisionada ao lar, pois tudo estava centralizado aos homens, os quais concentravam o poder sobre a sociedade, excluindo a mulher.

A mulher era vista como um ser *biologicamente funcional*⁴, ou seja, destinada aos cuidados domésticos e familiares, que caracterizavam suas condições físicas e sociais desde o nascimento. Portanto, bastava ter nascido mulher para ser considerada como sexo frágil, privada de desejar e de falar. O homem silenciava tudo o que ela sentia e caso viesse a falar sobre algum assunto ou praticassem algo contra os mandamentos cristãos, como fazer sexo e engravidar antes do casamento, era considerada pela família “depravada” (STEARN, 2010, p. 157), e, como sansão, expulsa de casa. Sempre reforçando a ideia de que a mulher teria que ser submissa a leis cristãs e aos homens.

A sexualidade feminina estava atrelada à virgindade. Segundo Knibiehler, “(...) durante os séculos cristãos um bom número de mulheres preservou a sua virgindade como forma de liberdade e fonte de poder, exprimindo com tal atitude sua parcela de autonomia e iniciativa – sua “virilidade” (2016, p. 10)”. A castidade preservava o valor da mulher e da família. Portanto, da mulher e de sua obediência dependia a honradez da aristocracia, baseada nos valores patriarcais.

Mesmo em meio à repressão sobre a sexualidade feminina, as subversões que ocorrem em toda história ocidental comprovam que as mudanças ocorridas na sociedade, em termos políticos, ideológicos e sexuais, dependem da desobediência dos grupos excluídos ou desprezados pela elite. Por exemplo, a *revolução sexual* teve grande impacto na vida das mulheres, pois a partir de então reforçou ainda mais o caráter transgressor da sexualidade feminina. Esse rompimento influenciou os séculos seguintes. Algumas mulheres passaram a entender que, mesmo em meio às suscetibilidades de opressões que as cercam, elas podem usufruir da sua sexualidade em favor de seus desejos, e assim, transgredir.

Intertítulo

Desse modo, observamos que a sexualidade feminina, há muito, submeteu-se a protocolos segregadores, aptos a privar os desejos e as vontades das mulheres.

⁴ Queremos dizer que a memória social do corpo feminino, que perpassa na sociedade, está ligada ao condicionamento dos afazeres domésticos e da maternidade, como essas funções estivessem inerente à “natureza” feminina.

Malgrado marginalizadas ao longo do tempo, elas eram proibidas de concretizar os seus desejos, pois, perpetuava-se um discurso hegemônico que propagava estereótipos as mulheres - elas teriam que ser mães; cuidar dos afazeres domésticos e serem submissas ao homem, resultando, assim, numa construção histórica, social e religiosa, capaz de colocar a mulher num entre-lugar social, desconsiderando-a enquanto sujeito factual na sociedade. Porém, mesmo que o patriarcado silenciasse as vozes femininas, havia nas mulheres um erotismo latente – carregado de vontades e ânsias sexuais - no qual estava sempre em busca de formas para dar vazão aos seus desejos sexuais preeminentes.

O ser humano, sem distinção de gênero, possui sexualidade erótica. Segundo Bataille “o erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão (1987, pág. 20)”. Ou seja, a sexualidade erótica faz parte da constituição psíquica e biológica do ser humano. O erotismo nos conduz às questões mais primitivas que habitam o ser humano, fazendo emergir os acontecimentos irrealis e utópicos que remetem ao censurado, àquilo que, na verdade, jaz no inconsciente do indivíduo.

Bataille (1987) afirma que, embora os interditos sociais controlem os excessos desejantes dos sujeitos, sempre haverá buscas para demarcar a incompletude latente no inconsciente destes. Esta procura externa por um objeto supridor das vontades subjetivas é movida pelos desejos internos que constituem o Eu, isto é, o erotismo faz parte da identidade do ser humano enquanto ser desejante. Entretanto, apesar de o erótico tangenciar os desejos humanos, para Bataille, faz-se necessário ser interditado pela sociedade, no intento de controlar os desejos, como forma de demarcar o que é profano e sagrado. Portanto, diante da interdição do erotismo como delimitador para as mulheres, esta segregação ocorre de maneira excessiva, por consequência da posição em que a mulher foi colocada, uma vez que era impedida de usufruir de seu corpo e de seus desejos sexuais, tendo que reprimir as vontades que emanam da constituição de sua subjetividade. Diante disso, a literatura erótica feminina deve ser vista como ferramenta de resistência ao apagamento da sexualidade da mulher, pois esta literatura manifesta e externar o que, por muito tempo, foi negado à mulher: vivenciar o seu corpo e sua sexualidade de maneira ‘livre’, pois o erótico a constitui enquanto sujeito no mundo.

Intertítulo

No interim da opressão patriarcal, a posição feminina para ser “bem” aceita socialmente, deveria seguir os preceitos de uma boa ‘de dona de casa’ e dos filhos. Esta imagem de ‘mulher’ submissa, perpetuava-se pelos discursos dominantes – patriarcal – que obstacularizavam o corpo feminino como autônomo de suas vontades. Neste contexto, a figura feminina fora apagada enquanto sujeito desejante. A mulher era vista, somente, para a reprodução. Alves (2016) afirma que:

Pela própria representação da mulher na sociedade burguesa, ela ficava impedida, entre outras limitações, de demonstrar amor/desejo. Esse controle do comportamento da mulher estava diretamente articulado à sua atuação no espaço doméstico e à vida familiar. Ultrapassar essas fronteiras reguladoras obrigou a mulher a ter consciência de sua condição e a buscar suas estratégias para burlar ou ampliar seu espaço de atuação (p. 107).

Portanto, mesmo diante da condição na qual foram colocadas, as mulheres se fazem atuantes nas mais diversas esferas da ação humana, em especial, nas produções literárias, por meio das quais puderam expressar suas ideias e impressões do mundo, visto que a literatura, até o século XVIII, era um espaço, no qual somente o homem poderia ocupar. Quando algumas mulheres escreviam, utilizavam pseudônimos ou versavam, somente, sobre temáticas do lar, por estar acorrentadas aos discursos excludentes, que as impediam de falar sobre suas emoções e desejos.

Mas quase sempre, as principais escritoras ficaram presas ao campo restrito do espaço doméstico, a uma temática relacionada com a amizade, à criança, sem poder escrever sobre os grandes espaços públicos, enfim, sobre os grandes temas (ALVES, 2016, p. 115).

A literatura erótica feminina pode ser considerada um instrumento que rompe os protocolos patriarcais, ou seja, através da escrita, sobretudo a erótica, as mulheres passam a exteriorizar suas vontades e desejos, contribuindo para uma (des)construção da mulher enquanto senhora do seu corpo. Essa literatura corrobora na transposição da memória social da mulher enquanto espaço doméstico para o público, como forma de contestar que o corpo feminino, também, sente e deseja de maneira latente.

Diante disso, no campo literário, surgem, cada vez mais sólidas, representações de um feminino que carrega consigo as cifras da transgressão, sobretudo, pela inserção

da escrita feminina mergulhada na seara erótica, dando visibilidade ao corpo feminino como desejanste:

A literatura é portadora de um saber sobre o presente, capaz de ao mesmo tempo compor um painel sobre o “estado das coisas” (...) Podendo abrir espaço para as falas emergentes, para a expressão do recalcado, do que ainda não tinha lugar no discurso – a mulher. (KEHL, 2008, p. 98).

Portanto, é de suma importância observar a literatura feminina como ferramenta que pode arquitetar novas faces femininas na sociedade, ainda, patriarcal, pois, a literatura ativa os conhecimentos presentes na memória social dos leitores, promovendo, assim, uma reflexão sobre aquilo que os cerca, em especial, o lugar da mulher na sociedade, uma vez que a literatura é uma atmosfera de inserção de conhecimentos e humanização, que pode contribuir na (des)construção sobre o que, historicamente, foi atribuído à mulher.

Intertítulo

Diante da autoria feminina, enquanto emancipação da mulher no campo literário, e do erotismo, que faz parte da constituição desta, mas que por muito, foi rechaçada, observaremos, no conto *Madrugada*, escrito por Raquel Consorte (2016), cujo enredo é contado por uma narradora-protagonista, a história de uma personagem que se permite vivenciar seus desejos mais díspares e anômalos. Ela utiliza da chegada do seu amante em casa para usufruir, libertariamente, do corpo deste, numa noite de sexo. Desse modo, verificamos que a personagem rompe com o modelo *biologicamente funcional*, quando transgredi os protótipos de feminilidade vigentes no *locus* temporal da narrativa, tornando-se senhora dos seus desejos. Ela é subversiva a partir do momento que vivencia sua sexualidade de maneira autêntica, rasgando o modelo patriarcal - de mulher subalternizada, que anulava seu erotismo.

A personagem principal, em seu confronto com o masculino, nos conduz às questões mais primitivas que habitam o ser – o desejo latente, fazendo emergir os acontecimentos utópicos que remetem ao censurado, àquilo que, na verdade, jaz no inconsciente humano: os desejos e as vontades eróticas.

(...) queria sentir seu sexo penetrar-me com força. Peguei em sua mão e a levei até o meio de minhas coxas, abrindo levemente as

pernas e deixando com que ele sentisse com os dedos como eu estava molhada. (CONSORTE, 2016, p. 1)

A linguagem lasciva utilizada pela narradora-personagem exprime um desejo de concretizar suas vontades sexuais com o amante. Ela se autoriza vivenciar o erotismo presente na constituição do seu Eu, de maneira explícita. Ela rasga o véu que cobria a sexualidade feminina como inexistente. A personagem, na sua fala, deixa nítido seu apetite sexual voraz, livres de interdições, na busca de gozar livremente.

Coloquei minha mão em seu sexo e o segurei fazendo movimentos rápidos de sobe e desce. Não demorou muito em tirar minha mão e me virou de costa, eu gemi baixinho esperado aquele momento (*Ibidem*).

A personagem, na sua fala, deixa nítido seu apetite sexual voraz, livres de interdições. Observamos que ela, de fato, materializa suas vontades orgásticas, usufruindo do amante para sentir prazer. O palavreado utilizado por ela expõe de maneira fluida seus anseios, ou seja, a personagem trata de maneira explícita seus desejos eróticos. Dessa forma, torna-se autônoma ante suas vontades, transgredindo aos discursos dominantes, que tendiam colocar a mulher no ostracismo social.

Eu disse em seu ouvido que ia gozar e pedi que ele gozasse junto comigo. Imediatamente seu corpo caiu sobre o meu e eu senti aquele líquido quente escorrer pelas minhas pernas, eu gozei em seguida extasiada de prazer. (...) A madrugada não seria solitária como de costume. (*Ibidem*)

A personagem possui liberdade em sua sexualidade, e poder sobre o seu corpo, reconhecendo que pode experimentar e vivenciar o que deseja. Ela traz através dos detalhes sobre sua relação com o amante, um rompimento ao discurso segregadores – patriarcal –. A personagem corrobora na construção de um feminino que não se inibe ao falar sobre suas ânsias sexuais. Ela, de fato, demonstra o que senti e o que deseja.

Em vista disso, é de suma importância observar a literatura erótica feminina como uma ferramenta de (des)construção social para a mulher. O campo literário influencia, através dos escritos, diferentes condições femininas na sociedade. A literatura retrata a realidade social de maneira ficcional, contribuindo para que os

leitores construam um novo olhar ao que perpassa em sua volta, sobretudo, a posição social das mulheres. Dando a elas autonomia e liberdade de desejar e sentir sua sexualidade, de maneira autônoma.

Considerações finais.

Nossa pesquisa buscou compreender a Literatura erótica, de autoria feminina, como essência da transgressão que move a personagem principal no conto *Madrugada*, escrito por Raquel Consorte, em 2016. A protagonista carrega as cifras da contravenção social, por tornar-se autônoma da sua sexualidade. Ela esmiúça seu desejo perante o amado, de forma estritamente orgástica, rompendo com o lugar de submissão – sexual – que as mulheres, numa sociedade patriarcal, estavam condicionadas. A Literatura erótica, de autoria feminina, através de uma estética que busca evidenciar o corpo da mulher enquanto sujeito fundado pelo desejo, também dá visibilidade à mulher, permitindo-a falar sobre os desejos mais orgásticos e luxuriosos, que constitui o seu Eu.

Sendo assim, consideramos o campo literário erótico, de autoria feminina, como um espaço possível para construir olhares reflexivos e críticos sobre a posição das mulheres, nas diversas esferas sociais, dando a elas autonomia de desejar e sentir sua sexualidade, de maneira libertária, uma vez que a Literatura possui grande influência de arquitetar e reproduzir ideologias na sociedade.

Referências

- ALVES, Ivya. *Amor e Submissão: Formas de resistências na autoria feminina?* Disponível em: <file:Amor%20e%20Submissão%20Formas%20de%20Resistência%20da%20Literatura%20de%20Autoria%20Feminina.PDF>. Acessado: 6 de setembro, 2018.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Tradução: Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L e PM, 1987.
- BEAVOUIR, Simone de. *O segundo sexo. 4.a Edição*. Tradução: Sérgio Milliet. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1970.
- CONSORTE, Raquel. *Esquentar: história para mulheres*. Ed: O fiel carteiro: 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. – 4^a ed. – Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2017.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras: 2013.

FREUD, Sigmund. *Mal estar na civilização*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Ed: Online: 1905.

KELH, Maria Rita. *Deslocamento do feminino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008

KNIBIEHLER, Yvonne. *História da Virgindade*. Tradução: Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2016.

STEARNS, Peter N. *História da Sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2010.